

A QUARTA COLÔNIA E SEUS 125 ANOS

A Quarta colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, Silveira Martins, comemora no dia 19 de maio do corrente ano cento e vinte cinco anos de sua fundação. O decreto imperial foi promulgado em 19.05.1877. Sempre que se fala da Quarta Colônia, surgem duas dificuldades. A primeira, de quem fala ou escreve, pois precisa fazer um esforço muito grande para situá-la. A segunda vem dos ouvintes ou leitores que ficam surpresos e, imediatamente, passam a exigir uma série de explicações. Primeiramente, por que Quarta Colônia? Quarta, em relação a que? Por que, foi fundada dois anos depois de Conde D'Eu, Dona Isabel e Campo dos Bugres? Por que tratá-la como Quarta Colônia e não pelo seu nome, Silveira Martins? Por que é tão pouco conhecida?

As respostas a tais perguntas exigiriam um longo tratado de geografia, de política, de economia e de sociologia. Mas, nos limites deste artigo, vou tentar trazer algumas informações que, no meu entender, podem ser suficientes para satisfazer, em parte, a curiosidade do leitor. Para isso, com objetivo didático, vou apresentar de maneira muito sumária seis pontos da história da Quarta Colônia.

1. O COMEÇO

Já foi amplamente divulgado que o Imperador D. Pedro II, preocupado com as terras devolutas da Serra Gaúcha, resolveu povoá-las com imigrantes capazes, em primeiro lugar, de aí desenvolver uma agricultura familiar, e, em segundo lugar, de constituir uma resistência civil em caso de possíveis invasões estrangeiras. Neste primeiro plano, Silveira Martins não constava. Apenas as três primeiras, Conde D'Eu, D. Isabel e Campo dos Bugres foram projetadas em 1875.

Aqui começam as diferenças. Decorridos dois anos, o forte crescimento das correntes migratórias exigiu a busca de novos territórios. Além disso, na oportunidade, havia sérias dificuldades de acesso às três primeiras Colônias, devido à precariedade das estradas agravada pelo excesso de chuvas. Os responsáveis pela imigração resolveram convencer alguns grupos de imigrantes, mal chegados ao Porto de Rio Grande, a optar pela nova frente de ocupação que se situava na região central do Estado, mais especificamente, em Santa Maria. Os argumentos, sem saber exatamente quais foram, sabe-se que houve imigrantes que acharam muito bom ir a um lugar com o nome de Nossa Senhora. Foi assim que, já em novembro de 1877 e início de 1878, chegaram vários grupos de famílias, perfazendo um total aproximado de 1.600 pessoas. E todos acamparam no Barracão de Val de Buia e suas cercanias numa precária, triste e longa espera.

2. IMPROVISOS

Assim começou a Quarta Colônia, à sombra do improviso. Quase como um filho temporão. Sem projeto e sem nome. Somente depois de algum tempo foi denominada Silveira Martins, o que, diga-se de passagem, não a favoreceu muito devido ser ele um dos grandes defensores do regime imperial. Sem território claramente delimitado, sem a definição do local da sede da Colônia, sem a medição dos lotes e, especialmente, sem a presença do seu Diretor, Engenheiro Guilherme Greenhalg. A longa espera em Val de Buia, onde foi erguido o monumento do imigrante, demonstra a total falta de planejamento da nova Colônia. Nem mesmo os presumíveis quatrocentos mortos, vítimas de doenças infecciosas, foram suficientes para a tomada de decisões mais rápidas e eficazes. Somente em princípios de setembro de 1878 foi demarcada a área da sede e começou-se a construir os pavilhões destinados à administração. O Diretor da Colônia

finalmente chega em fins de setembro. Então a demarcação e a distribuição dos lotes foram aceleradas para alívio dos imigrantes. Assim foi, de fato, o começo tumultuado de Silveira Martins, a Quarta Colônia.

3. UNIDADE E IDENTIDADE

Sempre que se busca descrever a Quarta Colônia, automaticamente, acaba-se por compará-la às outras três Colônias. Uma observação primeira mostra que os primeiros tempos não apresentam maiores diferenças. As dificuldades costumeiras. Aqui, entretanto, além dos dramas vividos em torno do barracão de Val de Buia, faltaram os pinheiros para oferecer os pinhões salvadores e a madeira para as casas.

A identidade, portanto, das quatro Colônias imperiais é, em linhas gerais, a mesma. O mesmo povo, os mesmos ideais, os mesmos sonhos de riqueza, as mesmas tarefas agrícolas, as mesmas técnicas artesanais, os mesmos valores morais, os mesmos costumes, as mesmas crenças religiosas. Aparentemente não se poderia duvidar da unidade e da identidade das quatro *ragazze* italianas. Tudo prenunciava uma geração de quadrigêmeas de futuro brilhante. Para isso é suficiente lembrar a tabela do Consul Pascoale Corte, apresentada em 1884, informando os índices de produção das quatro Colônias. Fazendo algumas comparações cruzadas pode-se observar que Silveira Martins não ficava para trás, e, em certos itens, pode-se dizer que era superior. Vou apenas comparar Silveira a Caxias no produto mais simbólico, o vinho. Caxias, com 12.540 hab., e Silveira Martins, com 6.001 hab., conforme Corte, apresentam a mesma produção de vinho, dois milhões e novecentos mil litros.

Outra referência importante é o Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud (1875-1925). Nele pode-se observar que Silveira Martins seguia o mesmo ritmo de desenvolvimento de suas coirmãs. Como destaque, quero citar a seguinte passagem: "*Poiché il terreno che possiede ora il Signor Augusto Budel, a frutteto ed a vigneto, é il pú grande esistente in tutto lo Stato, avendo una estensione che raggiunge in totale i nove ettari*". O progresso em outros setores da economia - comércio, indústria, suinocultura e agricultura em geral - aparece também com muito destaque em todo território da Quarta Colônia.

4. UMA SITUAÇÃO SECUNDÁRIA

Entretanto, a Quarta Colônia não conseguiu celebrar com o mesmo brilho o 75º aniversário da Colonização Italiana no Rio grande do Sul. No Álbum Comemorativo deste evento, Silveira Martins simplesmente não aparece em momento algum. Quais seriam as razões deste esquecimento? Ou seria um auto-esquecimento? Ainda não encontrei a resposta. Não sei se este foi o primeiro sinal do processo de marginalização da Quarta Colônia no cenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Seja como for, outros fatos foram se sucedendo rumo a um quase esquecimento preocupante.

Coloco-me a dupla indagação, os outros a esqueceram, ou ela deixou de se mostrar? Acredito que as duas alternativas são válidas. Primeiramente, ela deixou de se mostrar na medida em que seus empreendimentos foram minguando. Volto ao caso do vinho, hoje, a sua produção é, digamos, insignificante. E em relação aos nove hectares de fruteiras e de parreiras de Augusto Budel, hoje, eles são uma vaga lembrança na memória dos mais velhos.

Em segundo lugar, os estudiosos, concentrados nas Colônias da Serra, dedicaram-se a focar aquilo que estava à sua frente. Silveira Martins é apenas lembrada como uma concentração de imigrantes italianos na região de Santa Maria. Como exemplo mais recente, vou lembrar a edição de 24.07.1991 do Correio Riograndense com

destaque ao dia do Colono. Há várias matérias sobre a região dos núcleos coloniais da Serra, mas nada sobre a Quarta Colônia. Ou melhor, há uma fotografia de Ângelo Marin com suas belas uvas, mas nenhum texto complementar. Mais, nas páginas centrais há um longo texto extraído do diário de Andrea Pozzobon, sem nenhuma informação sobre esse importante personagem dos núcleos de Arroio Grande e São Marcos. Além disso, a foto ilustrativa apresenta a travessia do rio Caí, rumo a Caxias, em 1979. Talvez não houvesse uma foto da navegação pelo Jacuí, rumo a Silveira Martins, o caminho percorrido por Andrea.

Para concluir, gostaria de dizer que o auto-esquecimento, certamente, merece atenção maior, pois faltando pouco mais de um mês da celebração do seu cento e vinte cinco anos de sua fundação, não há sinais visíveis de especiais comemorações.

5. AUTONOMIA

Três pontos, sempre enfocados para explicar a situação decadente da Quarta Colônia, são a falta de autonomia política, a descontinuidade territorial e divisão e a distribuição de seu território para três municípios diferentes. Fatos, certamente, de significativa importância. Entretanto, não motivados somente por agentes externos. Quero lembrar, a esse respeito, o seguinte trecho do livro, *Memórias de um Imigrante Italiano*, de Júlio Lorenzoni: *"Contávamos todos que, especialmente depois da proclamação da República, o próspero e florescente núcleo colonial de Silveira Martins fosse elevado a município (...) Puro engano. Ficou esquecido (...) Qual o motivo deste abandono? A meu modo de ver, a causa principal foi a falta de direção competente. (...) Constava, na ocasião, que alguém havia sido chamado a Porto Alegre e posto a par das boas disposições que animavam o Governo; nossos dirigentes pouco se interessaram. (...) Algum tempo depois, os chefes dos municípios circunvizinhos procederam à repartição do território. (...) À semelhança dos fariseus na divisão das vestes de Cristo, (...) A alguém, que teria podido promover alguma reação, foi dado em seguida um "osso", e assim tudo terminou."* (Cf. p.102,3,4)

O projeto de emancipação, contudo, parece que continuou sendo perseguido, pelo menos por parte de algumas lideranças. Em 1898, segundo Romeu Beltrão, uma comissão de moradores de Silveira Martins foi a capital do Estado pleitear a criação de um novo município. Em 25 de novembro, a câmara de vereadores de Santa Maria informava que a pretensão de Silveira Martins fracassara. E tudo caiu no esquecimento.

O movimento emancipacionista, na região da Quarta Colônia, é retomado pelo trabalho do Padre Luizinho Sponchiado com o objetivo de formar um município aglutinador do antigo território colonial, dividido entre Santa Maria, Cachoeira do Sul e Júlio de Castilhos. Faxinal do Soturno, entretanto, resolve emancipar-se isoladamente, o que aconteceu em 12 de janeiro de 1959. Torna-se, assim, o primeiro município da Quarta Colônia, mas o projeto de unificação do P. Sponchiado sofreu um golpe mortal. No ano seguinte emancipou-se Nova Palma (29.07.1960) e, em 19.07.1965, foi a vez de Dona Francisca. Silveira Martins fez uma nova tentativa em 1963. Desta vez teria tido sucesso, se não fosse o mandato judicial, impetrado por um grupo de moradores descontentes de Faxinal da Palma. Finalmente, consegue sua autonomia em 11 de dezembro de 1987. Já na década de noventa, Ivorá (09.05.1988), São João do Polêsine (20.03.1992) e Pinhal Grande (20.03.1992) completam a lista dos municípios da ex-Colônia.

Esta nova geografia política do antigo território da Quarta Colônia trouxe grandes benefícios, especialmente no setor viário, com a chegada do asfalto, embora ainda insuficiente, e na maior aproximação das administrações municipais em torno de

projetos comuns. Atualmente, apesar das dificuldades de entendimento, pode-se pensar num futuro de desenvolvimento conjunto.

6. PROJETOS FUTUROS

Não se pode falar, ainda, em grandes projetos capazes de modificar substancialmente a fisionomia da ex-Quarta Colônia, entretanto, com a melhoria viária atual e com as perspectivas próximas, tudo indica que é possível sonhar mais. Sem dúvida, a agricultura familiar e as agroindústrias deverão ser os pontos de um novo desenvolvimento econômico. No início da década de noventa, alguns projetos, como Educação Patrimonial e o Projeto Identidade, com o Fórum da Cultura Italiana, lançaram boas sementes de uma nova mentalidade pedagógica e política. No momento, o projeto PRODESUS (Programa de desenvolvimento sustentável) tornou-se um ótimo elo de ligação entre as administrações municipais.

Entre as novas possibilidades futuras de desenvolvimento, aparece um ponto, focado em toda a região de Santa Maria, o do turismo, ainda que, por enquanto, as propostas situem-se muito mais no nível do discurso do que em políticas concretas. Recursos naturais e histórico-culturais, certamente, existem em abundância. Neste sentido vou lembrar dois fatos. O primeiro remonta ao século XIX, precisamente abril de 1893, e está relacionado à passagem da expedição Regnelliana do Museu de Stocolmo, Suécia dirigida por Carlos Axel Magnus Lindemann. Em seu relatório, Lindemann afirma que Vale Vêneto, Silveira Martins e Paraíso, (hoje distrito de Paraíso do Sul) "podem ser contados entre os sítios florestais mais pitorescos e maravilhosos do Brasil inteiro". O segundo fato é muito recente. Segundo a imprensa anunciou, estaria surgindo um roteiro arqueológico que, começando em Candelária, passaria por todo o território da Quarta colônia e chegaria até o município de Mata.

É inegável que a região toda tem excelentes e variadas condições de incentivar o turismo. O que falta, na verdade, de um lado, é uma política que pense mais no bem-estar do turista e menos nos lucros; de outro lado, são necessários bons empreendimentos e uma boa infra-estrutura. Por enquanto, os turistas encontram nas festas religioso-gastronômicas os maiores atrativos.

Tudo indica que, embora lentamente, a Quarta Colônia voltará a reencontrar os caminhos do desenvolvimento, abertos a duras penas pelos imigrantes pioneiros que, no silêncio dos seus túmulos, devem estar murmurando: "feliz aniversário!".

Prof. Dr. Silvino Santin
Sta. Maria, 19 de abril de 2002.